

O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DE ISRAEL NA PERSPECTIVA DOS KIBUTZIM¹

SOUZA, Graziella P. O.²; MAIA NETO, Francisco³

INTRODUÇÃO

Por ser um país sempre afetado pelas constantes guerras desde sua independência, em 1948, se torna difícil pensar em uma sociedade urbana estratificada, capitalista e democrática. Neste contexto, tal pesquisa foi motivada pelo interesse de cunho econômico e social, principalmente nas regiões do Estado de Israel que compõem a zona rural, onde o próprio termo “rural” sugere uma vida simplória e sem muitos atrativos.

Para tanto, o estudo considerou a vida em sociedade dos habitantes destes kibutzim, o que se tornou questão interessante pois, contrariando conclusões imediatas, sua rotina se mostrou bem diferente de outras sociedades rurais, principalmente as Extremo Orientais, onde o apreço pela terra se limita a particulares e a produção se divide em produção para subsistência e/ou produção para exportação. No decorrer da pesquisa, percebemos que, particularmente nos kibutzim de Israel, a terra é comunal, onde prevalece o sistema de economia solidária. Quando do surgimento destas sociedades comunais, a produção era basicamente estimulada com

¹ Trabalho de iniciação científica em andamento.

² Discente do curso de História da Faculdade de Ciências, Letras e Educação de Presidente Prudente.

³ Docente do curso de História da Faculdade de Ciências, Letras e Educação de Presidente Prudente e mestrando em História e Sociedade na UNESP/Assis.

fins de prover a sobrevivência dos integrantes da fazenda. Tempos depois, quando tais sociedades já se mantinham estruturadas, iniciam-se as atividades industriais e a produção para exportação, onde os lucros de tal comércio seria dividido entre os moradores.

A exportação de produtos agrícolas em Israel alcançou números consideráveis – 66,6% - no ano de 1993, sendo que, a maior parte destes produtos provém das fazendas comunais, que hoje ostentam tecnologia de ponta e capacidade de produção invejáveis.

Necessário se faz esclarecer que, apesar do interesse central da presente pesquisa ser a economia solidária dos kibutzim em Israel, esta não se vincula somente a este aspecto. Preocupou-se em demonstrar a importância dos kibutzim para a economia do país e sua constante luta por espaço numa sociedade capitalista. O trabalho aborda também alguns dados da vida urbana israelense, com principal intuito de verificar algumas diferenças sociais existentes entre os dois meios de vida.

1 KIBUTZIM DE ISRAEL: ASPECTOS GERAIS

1.1 Aspectos sociais

Israel é uma sociedade urbana, onde cerca de 90% da população vive em cem localidades urbanas e nas quatro maiores cidades, sendo que Jerusalém, a capital,

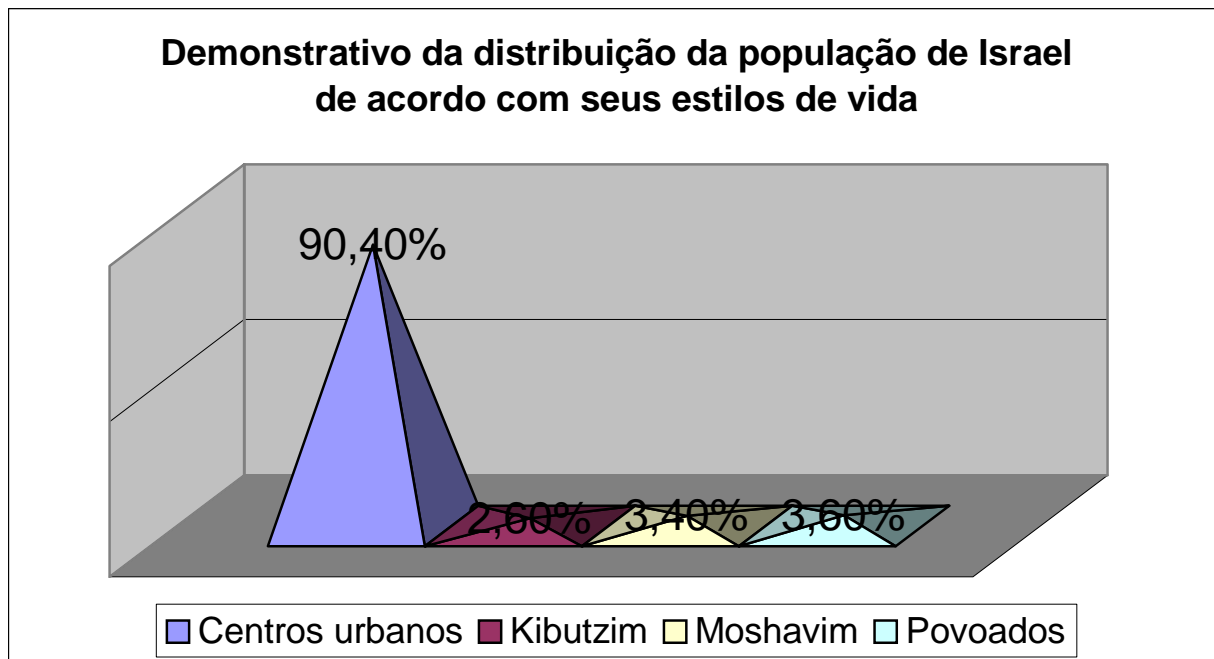
é o centro histórico, espiritual e nacional do povo judeu desde o ano 1.000 a E. C.⁴. Tel Aviv, fundada em 1909, é o principal centro industrial, comercial, financeiro e cultural do país e foi, também, a primeira cidade judaica estabelecida nos tempos modernos. Haifa, situada ao norte do país, é seu maior porto e Beersheva, ao sul, é considerada a “capital do Neguev”⁵.

Algumas cidades como Jerusalém, Beersheva, Nazaré, Ashkelon, Aco, Safed e Tiberíades são muito antigas, conservando, nos dias atuais, seus nomes primordiais. Outras como Rechovot, Pitach Tikva e Hadera passaram de povoados agrícolas a cidades, mediante a um processo gradual de urbanização. Há ainda cidades construídas com o intuito de solucionar problemas ocasionados com o rápido aumento populacional causado pela imigração em massa, como é o caso de Arad e Carmiel.

Cerca de 10% dos israelenses vivem em zonas rurais. Mais de 6% dentre eles fazem parte de comunidades cooperativas agrícolas, - únicos exemplares de seu gênero - chamadas de kibutz e moshav, cuja contribuição à construção do país é de importância incontestável. Os demais setores rurais dividem-se em aldeias de pequeno porte e em grandes povoados nos quais habitam, principalmente, árabes muçulmanos, drusos e circassianos.

⁴ O sistema universal de consignar datas, mais usual, é simplesmente a C. Porém, no presente texto optou-se por não utilizá-lo para que não ocorram possíveis alusões a preferências religiosas dos autores do mesmo. Para tanto, adotou-se o termo a E. C., em referência ao período histórico que compreende os anos anteriores a Era Cristã, atualmente conhecida também como Era Comum.

⁵ Território triangular que penetra no deserto, cujos vértices são: a leste, o Mar Morto; a oeste, Gaza e ao sul, o Golfo de Agaba.



Fonte: Centro de Informação de Israel, 1993

Os moshavim são aldeias formadas por chácaras de cinco hectares em média, baseadas no trabalho familiar com ajuda mútua, cujos produtos são comercializados por uma cooperativa, como as dos pequenos produtores no Brasil. O moshav shitufi é uma forma mista de propriedade e regime de produção, que reúne características do kibutz e do moshav.

Kibutz é uma palavra em hebraico que significa estabelecimento coletivo. Os primeiros kibutzim – chamados inicialmente de kvutzá – foram fundados por jovens sionistas, em sua maioria oriundos da Europa Oriental, cerca de 40 anos antes da criação do Estado de Israel. Os kibutzim são comunidades singulares, onde habita uma comunidade baseada na justiça social, com sistema sócio-econômico no qual os

indivíduos repartem o trabalho e a propriedade. Os moradores consideram os kibutzim como uma comunidade unida e igualitária, baseada em meios de produção e consumo, onde todos tomam conjuntamente as decisões e assumem responsabilidades coletivas.

Em Israel, no ano de 1996, existiam 269 kibutzim, onde moravam aproximadamente 120 mil pessoas. O número de membros varia de menos de cem até mais de mil e cem em alguns kibutzim. A maioria deles possui uma estrutura semelhante, com instalações comunais como refeitórios, escritórios, bibliotecas no centro, cingidas pelas casas dos membros residentes, alojamentos e jardins. Possuem ainda, instalações esportivas e educacionais, sendo que os edifícios industriais e os terrenos cultiváveis normalmente ocupam a periferia.

[...] Yahel ficava a 65km de Eilat (o último em seqüência de sete: Elot, Samar, Yotvota, Grofit, Qetura e Lotan). A imagem não era muito diferente do que eu tinha visto até então, estava achando tudo 'árido' demais, e não era para menos: o tal kibutz ficava no meio do Negev! [...] haviam três casa e tinham uma área em comum. Na casa da esquerda moravam três rapazes, um americano, um coreano e um holandês. Na da direita, cinco suecas e duas alemãs. Eu ficava na casa do meio, com uma sueca e uma coreana [...].⁶

⁶ Depoimento de Ingrid Gomes, voluntária brasileira no kibutz Yahel no ano de 1999.



Fotos aéreas de kibutz em Israel, na região do Negev.

Fonte: <<http://jovempan.uol.com.br/jpanew/destaques/viagem/israel.php>>

Alguns kibutzim possuem regras para uma vida controlada e, para algumas pessoas, até mesmo claustrofóbicas. As regras para ingresso nestes kibutz são muito rígidas e os seus membros acabam convivendo, com as mesmas pessoas, durante anos. Em alguns casos, as crianças são criadas em instalações coletivas especiais, longe dos pais. O intuito, neste processo, é que vivam e aprendam em grupos, separados por faixa etária e sendo constantemente preparadas para a independência. Os adolescentes possuem quartos individuais e gozam de bastante liberdade pessoal. Mas o que para alguns poderia ser considerado um estilo de vida paradisíaco, para outros se torna uma prisão aberta e estagnada na mesmice do meio rural. Muitos jovens se mostram insatisfeitos e não retornam à comunidade após o serviço militar, que é obrigatório em Israel, tanto para os garotos quanto para as meninas.

Atualmente, existe um escritório do governo de Israel que recebe a matrícula de pessoas e encaminha para os kibutzim a fim de pré-selecionar voluntários que desejem passar uma temporada nestas comunidades. O perfil das pessoas interessadas também é avaliado para ver se é possível serem admitidas nos trabalhos que o kibutz oferece. Em cada kibutz há uma pessoa designada para receber estrangeiros, mostrar toda a comunidade e o trabalho que irão desempenhar dentro da sociedade durante o período de permanência. A maioria destes empregos está na área agrícola, mas há também outras funções na área de prestação de serviços, como babá e assistente de culinária. Porém, tais designações são efetuadas mediante o conhecimento prévio e disposição do candidato. O nível de conhecimento em Língua Inglesa também é avaliado neste momento. Os quesitos necessários para ingresso de estrangeiros voluntários nos kibutzim em Israel são: noção básica de Língua Inglesa, segundo grau completo, disposição para o trabalho e ter mais de 18 anos de idade. No Brasil já se encontram agências de turismo que oferecem pacotes com esta finalidade, sendo que o valor gasto para a permanência de seis meses em um kibutz em Israel, nestas condições de trabalho e moradia, gira em torno de US\$2 mil.

Para algumas pessoas, inclusive universitários, esta é uma boa oportunidade de contato com outras culturas:

[...] o kibutz fornece entendimento de forma coletiva. O tratorista tem o mesmo direito (a saúde, ensino, residência, alimentação e lazer) do que o professor, por exemplo. Os filhos crescem sob esse manto de noção de civilização e formação.

Há necessidade de, diariamente, compartilhar com os outros os seus trabalhos e afazeres para um bem comum.⁷

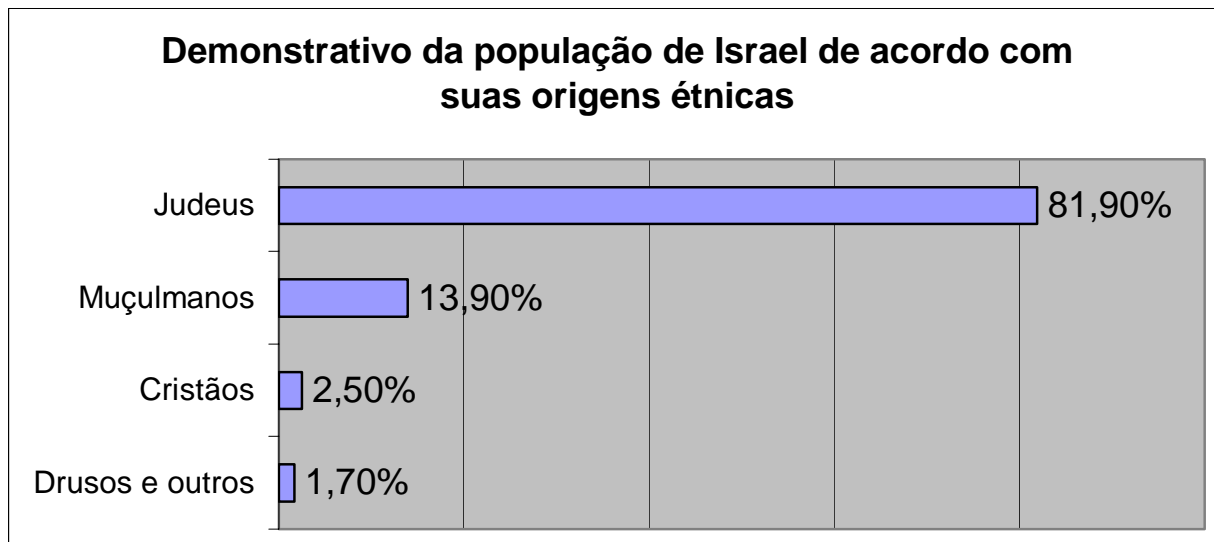
Fui para Israel com 18 anos, em 1999 [...] sabia que era algo como uma cooperativa fora da cidade, que eles viviam da produção de produtos agrícolas e tinham voluntários do mundo inteiro, esses prestavam serviços e em troca, moravam lá e recebiam uma ajuda de custo. O kibutz não era um lugar onde só haviam judeus e quase todo mundo falava inglês. 90% dos voluntários tinham entre 18 e 25 anos de idade. As famílias que viviam lá eram extremamente amáveis, tratavam todos com muita atenção, estavam sempre dispostas a conversar e a explicar coisas sobre os costumes e as tradições judaicas. Celebramos juntos diversas datas do calendário judaico.⁸

Ao que parece, tais imigrações organizadas movimentam constantemente o meio rural de Israel, visto que voluntários são admitidos durante todo o ano nos kibutzim.

Mas, além do alto índice de estrangeiros visitantes e moradores temporários dos kibutzim, em Israel vivem mais de cinco milhões de habitantes – cerca de 90% em centros urbanos - de diferentes religiões, origens étnicas e antecedentes culturais, dentre eles judeus (81%), árabes e outros (19%), como pode ser verificado no gráfico a seguir:

⁷ Depoimento de Frederico Fonseca, voluntário de um kibutz em Israel enquanto cursava pós-graduação. Atualmente, trabalha como professor da UEM (Universidade Estadual de Maringá) do Departamento de Agronomia e Coordenador das Pós-Graduações de Gestão em Agronegócio e Planejamento Ambiental da Cesumar (Centro Universitário de Maringá).

⁸ Depoimento de Ingrid Gomes, voluntária brasileira no kibutz Yahel.



Fonte: Centro de Informação de Israel, 1993

Após a criação do Estado, em 1948, e a imigração em massa dos sobreviventes do Holocausto e de refugiados judeus dos países árabes, a população dobrou. Centenas de milhares de judeus da antiga União Soviética e de países da Europa Oriental, bem como a quase totalidade da comunidade judaica da Etiópia, estabeleciam-se no país para nele construir seu lar. Durante todos esses anos, grupos, famílias indivíduos isolados provenientes de todos os países do mundo livre resolveram viver em Israel e participar da construção do país.

Jerusalém tem sido o foco da vida nacional e religiosa do povo judeu desde que o Rei David a escolheu para a capital de seu reino, há cerca de 3.000 anos atrás. Deste modo, mesmo estando sob domínio estrangeiro durante longos períodos da história, a cidade não foi capital de nenhuma outra nação. Durante os séculos da Diáspora Hebraica, porém, os judeus, onde quer que estivessem, nunca esqueceram

Jerusalém, rezando três vezes por dia pela restauração da cidade e pela redenção do povo judeu em sua pátria ancestral.

Jerusalém é Cidade Santa para as três maiores fés monoteístas: judaísmo, cristianismo e islamismo. A cidade, para os judeus, é sagrada por sua própria existência, representando a esperança e o significado da existência e continuidade do povo judeu. Na concepção dos cristãos e muçulmanos, Jerusalém é uma cidade de lugares santos devido à acontecimentos sagrados que neles ocorreram. Tais lugares santos são administrados por suas próprias autoridades religiosas e a lei garante o livre acesso a eles e proteção contra profanação. A exemplo, pode-se citar a administração do Santo Sepulcro que, em 1995, era dividida entre seis igrejas: a grega ortodoxa, a católica – representada pelos franciscanos -, a armênia, a copta, a etíope e a síria. Cada uma delas possuía seus direitos sobre o lugar sagrado e a responsabilidade de manter e renovar sua parte, quando necessário.

Jerusalém, atualmente a maior cidade de Israel, possui população de mais de meio milhão de habitantes, de diferentes grupos étnicos e culturas. Constitui-se em uma cidade histórica, onde a preservação de antigos sítios e a restauração de velhos bairros não impedem a construção de novas áreas habitacionais, industriais e comerciais bem desenvolvidas, parques públicos e também, o incentivo a instituições culturais.

1.2 Educação e Saúde

Apesar dos constantes conflitos, Israel é uma sociedade envolvida no processo educacional, cuja população goza dos benefícios de uma ampla variedade de programas de ensino, dirigidos desde aos pré-escolares até aos cidadãos maduros.

A escolarização é obrigatória dos cinco aos dezesseis anos, e gratuita até os dezoito anos de idade. Mas as taxas de analfabetismo são alarmantes: 95% entre os homens e 97% entre as mulheres. O sistema escolar preocupa-se em oferecer às crianças e aos jovens conhecimentos e habilidades, tencionando prepará-los para a sociedade democrática e pluralista. A educação superior se divide em oito universidades e sete colégios regionais afiliados às universidades, cujas taxas de matrículas no ano de 1996 foram de 41%. Há, também, grande número de instituições especializadas em música, artes, moda, administração comercial, tecnologia, especialização para o magistério, educação física e outras mais.

Para os jovens que não pretendem o ingresso em universidades, há um leque de opções em instituições que promovem cursos profissionalizantes, como o de cabeleleiro e manicurie, mecânico e eletricista, dentre outros. Todos os jovens, de ambos os sexos, devem freqüentar a escola militar antes de ingressarem em algum dos cursos, superior ou profissionalizante, sendo que a permanência mínima é de um ano e meio para as meninas e de três anos para os garotos. A educação em Israel, segundo Musa Amer Odeh, embaixador da Palestina, *“é a única forma de passar o amor pela*

*terra aos filhos e fazer com que continuem a viver na região*⁹. Ele afirma, ainda, que hoje, Israel possui o melhor nível de escolaridade do mundo, sendo a média de um docente para cada dezesseis estudantes.

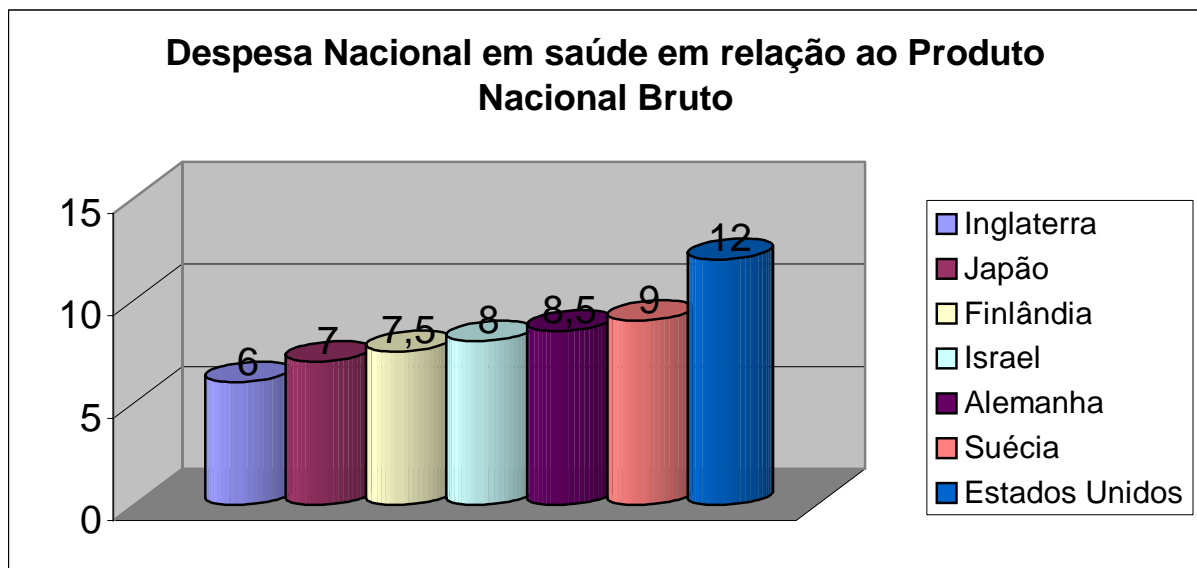
O hebraico é a língua oficial do Estado de Israel, sendo o árabe considerado o segundo idioma. Após séculos, restrito à liturgia e à literatura, o hebraico como língua falada surgiu no final do século XIX, quando o renascimento da vida judaica progredia a ritmo acelerado na Terra de Israel, da qual os judeus haviam sido exilados há quase 2.000 anos. O hebraico desempenha papel fundamental na realização do “retorno dos exilados” (*raison d'être*), na união de todos os judeus em uma só nação com uma só língua em comum.

Em algumas escolas, kibutzim e moshavin, além do hebraico e do árabe, também são ensinadas línguas ocidentais, como o inglês e o francês, o que auxilia em muito o desenvolvimento científico dentro das universidades. Tal desenvolvimento científico reflete-se, principalmente, na saúde, por meio de novas descobertas no campo da bioengenharia e da medicina.

A população israelense dispõe de ampla rede de serviços médicos, que compreende mais de 160 hospitais, 1.600 clínicas ambulatoriais, 900 centros de saúde para a mãe e a criança e centros de pronto socorro distribuídos pelo país. Em 1993, havia 459 médicos para cada 100 mil habitantes. Cerca de 95% da população estão afiliados a um dos quatro sistemas de seguro médico, que proporcionam hospitalização

⁹ Entrevista extraída do artigo *Palestina: a busca é pela paz*, disponível em <http://www.revelacaoonline.uniube.br/a2002/campus/palestina2.html>

e ampla variedade de serviços médicos. O investimento empregado por Israel à saúde está apresentado no gráfico a seguir:



Fonte: Datawatch, Gastos Internacionais em Saúde: Temas e Tendências, 1991

Como pode ser observado, o Estado de Israel aplica 8% de seu PNB em saúde, o que acaba por contribuir com a expectativa de vida de seus habitantes que, nos anos de 1995 e 1996, alcançou altos índices, sendo de 79 anos para as mulheres e de 77 anos de idade para os homens.

O Hospital Hadassar, em Jerusalém, possui a mais sofisticada unidade de traumatismo, considerada uma das melhores do mundo. Neste hospital, são tratados cerca de um milhão de pacientes por ano. O centro médico é um dos poucos lugares em Israel em que árabes e judeus convivem pacificamente nos dias atuais. A equipe

médica também é formada por árabes e judeus. São profissionais que trabalham juntos, deixando suas diferenças de lado por um ideal maior: o da solidariedade e a preservação da vida. Juntos formam uma parceria que dificilmente seria vista fora dali. Para o Dr. Avi Riviken, *“não importa de que lugares são [os pacientes], a vida tem mais valor que os conflitos políticos”*¹⁰. No Hospital Radassar, muitos desses profissionais acreditam que a solidariedade entre os povos, dentro do hospital, pode contagiar os habitantes de Israel e trazer, a longo prazo, uma paz duradoura para toda a região.

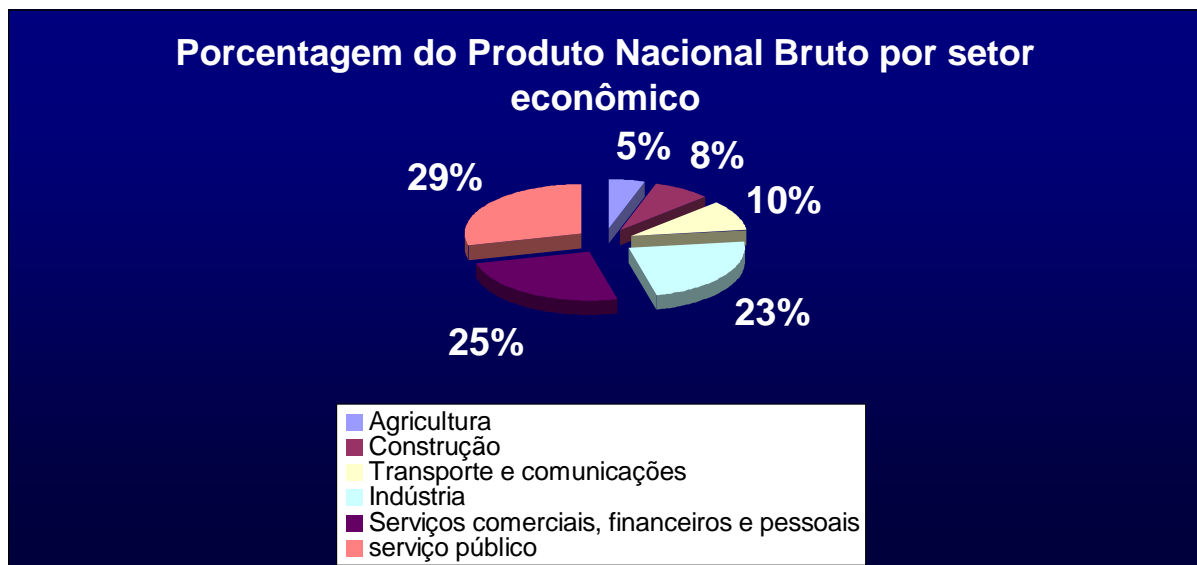
No caso dos kibutzim e moshavim, o atendimento médico e hospitalar é executado pelos próprios médicos membros da comunidade, salvo em alguns casos graves em que os pacientes são removidos para hospitais especializados e melhor equipados em centros urbanos.

1.3 Aspectos econômicos

A escassez de água e de terra cultivável levaram Israel a embasar sua economia em mão de obra qualificada e em tecnologia sofisticada, apoiadas por uma rede de instituições de pesquisa e de educação superior supracitadas. Em 1993, Israel possuía 51,4% de suas terras irrigadas e preparadas para o cultivo. O setor agrícola apóia-se em pesquisas, sendo altamente mecanizado e a indústria concentra-se, sobretudo, na manufatura de produtos médico-eletrônicos, agro-tecnológicos, aparelhos de telecomunicações, alimentos processados, produtos químicos, computadores e

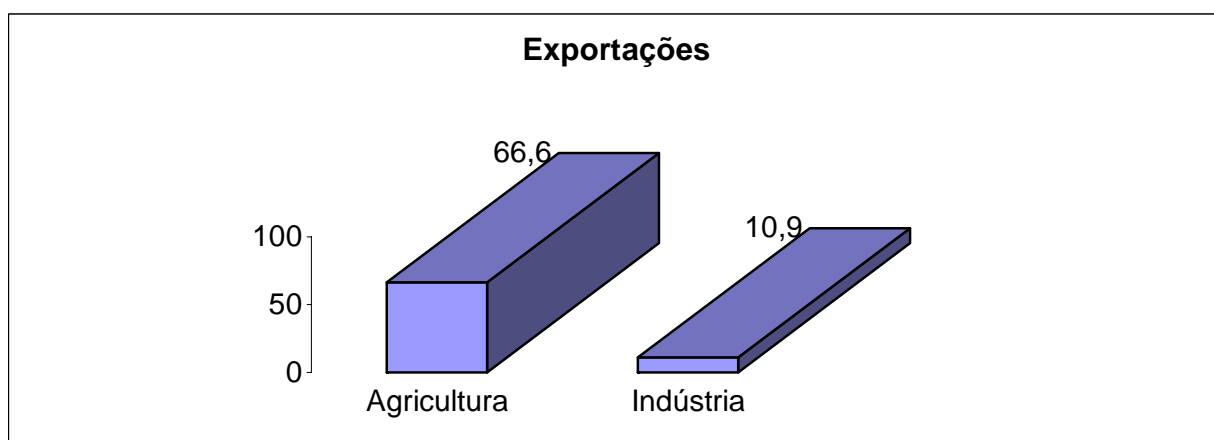
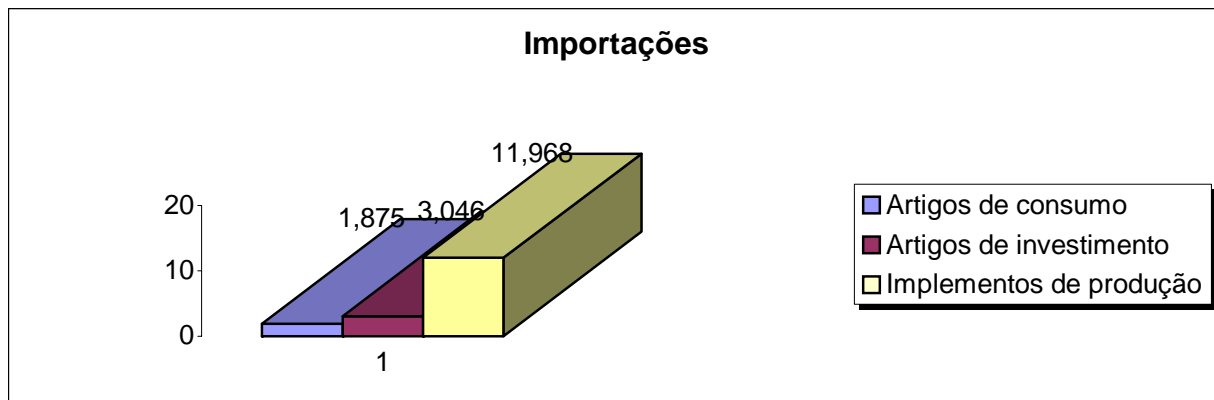
¹⁰ Programa *Domingo Espetacular*, Bandeirantes – emissora de televisão, exibido em 25 jul 2004.

aparelhos que utilizam a energia solar. O gráfico a seguir demonstra a porcentagem de PNB investida por Israel no setor econômico:



Fonte: Centro de Informação de Israel, 1993

A economia de Israel depende fundamentalmente da exportação, sendo que aproximadamente um terço do total da exportação israelense é embarcado para os Estados Unidos, outro terço para o Mercado Comum Europeu e o restante para demais países. A distribuição dos produtos importados e exportados por Israel pode ser observada no gráfico a seguir:



Fonte: Centro de Informação de Israel, 1993

A taxa de exportações alcançou US\$20.504 milhões no ano de 1996, sendo que os produtos agrícolas mais comercializados no exterior são as frutas cítricas. A indústria experimenta uma rápida expansão, mas a poluição provocada por resíduos industriais e por pesticidas agrícolas constitui sério problema para o país.

Os kibutzim são os grandes responsáveis pelos produtos agrícolas exportados pelo país, como relata Ingrid Gomes:

Era um kibutz pequeno. A principal fonte de renda era exportação de melões e pormelos. Tínhamos em torno de 150 pessoas por lá, dessas, 50 eram voluntários. [...] Eu fui trabalhar na Paching House. Trabalhava de 7 a 8 horas por dia. Começávamos as 8:00 e parávamos as 11:30. voltávamos as 13:00 e saíamos as 17:00. Sexta feira, saíamos as 15:30 e folgávamos aos sábados.¹¹

Com a junção do trabalho desenvolvido pelos voluntários e moradores, os kibutzim desenvolvem a produção agrícola mecanizada, com vistas nas exportações e também na subsistência da própria comunidade. Os lucros obtidos com tal negócio exterior são divididos na comunidade, sendo que os voluntários estrangeiros recebem uma ajuda de custo livre, já que não pagam por suas moradias e alimentação. Para alguns, tal experiência constitui uma temporada de diversão e conhecimento de novas pessoas de culturas diversificadas:

Às sextas feiras, depois do jantar de shabat, rolava baladinhas no pub improvisado. E no sábado, passávamos o dia na beira da piscina curtindo o sol. Às vezes íamos para Eilat, e lá era o máximo, a balada rolava até de manhã, e no sábado, aproveitávamos o sol da praia. Nosso bloco era o mais animado e sempre que tínhamos tempo, fazíamos festinhas. Todo mundo se entendia. Éramos super unidos.¹²

¹¹ Depoimento de Ingrid Gomes, voluntária brasileira no kibutz Yahel.

¹² idem

No entanto, para muitos dos jovens que se arriscam a trabalhar fora de seus países de origem, a experiência pode ser um tanto árdua:

Colocávamos melões em caixas. Depois vieram os pormelos. No início era terrível, não estava acostumada com aquilo. Machucava as mãos toda hora. Morria de calor e pensei até em desistir, tentar ajudar na cozinha ou em qualquer outro lugar, mas todo mundo do meu bloco trabalhava na Packing House e as meninas me convenceram a ficar.¹³

Eu trabalhei nas plantações de bananas e foi muito divertido, mas também, um trabalho pesado.¹⁴



Estrangeiros trabalhando na produção do kibutz.

Fonte: <<http://jovempan.uol.com.br/jpanew/destaques/viagem/israel.php> >

¹³ idem

¹⁴ Depoimento de Lee-Young Kim, voluntário coreano no kibutz Degania

Os kibutzim constituem um grande negócio, tentando encontrar seu espaço numa sociedade capitalista.

No kibutz a produção industrial também é grande. Hoje, a maior parte dos lucros do setor vem do kibutz, destes homens e mulheres que partilham todo o trabalho e tudo que ele rende. São a prova viva de que a economia socialista ainda pode funcionar no mundo movido por dólar¹⁵.

Em suma, os kibutzim acabam por beneficiar-se da curiosidade destes jovens em descobrir a vida em outros países, e acabam por se manterem economicamente estáveis mediante tal situação.

O turismo também constitui importante fonte de renda em moeda estrangeira, pois cerca de um milhão de pessoas visitam o país anualmente, atraídas pela diversidade geográfica e pelos sítios arqueológicos e religiosos.

¹⁵ Programa “*Alô Video Escola*”, Cultura – emissora de televisão, exibido no dia 05/04/2004

1.4 Aspectos geográficos

Israel, com seu formato longo e estreito, possui cerca de 450 km de comprimento e 135 km de largura, em seu ponto mais largo. Sua área total dentro das fronteiras e linhas de cessar fogo é de 27.817km².

Há grandes variações de altitude em pequenas distâncias, sendo que apenas 26 km separam Jerusalém, situada a 835 m de altitude do Mar Morto, o ponto mais baixo da Terra situado a 400m abaixo do nível do mar. A costa do Mediterrâneo se mantém separada das colinas da Judéia por apenas 50 km, cujas altitudes variam de 300 a 835m.



Fonte: <<http://www.promotega.org/asu3022/images/mapofisrael.gif>>

A sua localização e a diversidade de clima e topografia promovem habitat propício para rica variedade de flora e fauna. Aproximadamente 400 diferentes espécies de pássaros, mais de 150 espécies de mamíferos e répteis e cerca de 3.000 espécies vegetais (entre as quais 150 são nativas), são encontrados em seu território.

O território de Israel apresenta quatro grandes regiões naturais: planícies do litoral, com clima mediterrâneo, que constituem o centro agrícola do país; a região central de colinas e montanhas, que se estende da Galileia à Judéia; a depressão do oeste, delimitada ao norte pelo Rio Jordão, que desemboca no mar Morto; e o deserto do Negev, ao sul, que representa a metade do território.

Tal aspecto geográfico influencia diretamente na economia do país, que possui sérios problemas de água. Para sanar tal problema, o país dispõe de 2.000 km² de terrenos irrigados, recuperando assim grande extensões do deserto do Negev, onde se encontram atualmente alguns dos principais kibutzim do país.

2 OBJETIVOS

A presente pesquisa tem por fim discutir a relevância dos kibutzim na perspectiva do desenvolvimento da economia solidária em Israel

3 METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa teórica e análise documental. Foram consultadas, também, fontes de dados quantitativos e qualitativos, submetidos posteriormente a análises de conteúdos.

4 PRINCIPAIS RESULTADOS

O presente estudo objetivou investigar como se dá e sustenta o desenvolvimento econômico – e por conseqüência social – nos kibutzim em Israel. A hipótese de trabalho inicial era a de investigar até que ponto a economia nestas fazendas poderiam ser consideradas solidárias, visto que os primeiros dados recolhidos mostraram claramente a participação intensiva dos kibutzim na exportação de todo o país, permanecendo diretamente vinculados à sua economia capitalista. A simples menção de fazenda autogerida nos remete a idéia de uma sociedade comunitária, com sua economia totalmente voltada aos meios de produção com fins de subsistência.

Como suposto, a princípio os kibutzim foram realmente implantados em Israel pelos primeiros sionistas, oriundos principalmente da Europa, fugidos de perseguições de ordens étnico-religiosas. O intuito na criação e formação destes kibutzim foi o de reunir tais imigrantes em sociedades judaicas que não tivessem contato direto com outros povos – árabes palestinos, principalmente – e suas culturas. Para tanto, necessário se tornou garantir a sobrevivência dos judeus recém-chegados

ao Estado e isso se concretizou através dos kibutzim, cujo projeto inicial seria de ocupação territorial¹⁶ e produção para subsistência de seus membros. Suas principais barreiras neste processo foram as condições físicas e climáticas da região, que inibia uma produção agrícola com fins comerciais. A nova sociedade fixou-se nessas colônias agrícolas e acabaram por estabelecer suas próprias regras de conduta social, passando a vivenciar plenamente suas tradições e cultura.

Posteriormente, houve considerável evolução da produção agrícola a partir de avanços tecnológicos – oriundos por vezes da Europa, transmitidos pelos próprios sionistas. Tal produção acabou por gerar excedentes, que passaram a ser comercializados fora do kibutz. Este processo transcende a sociedade coletiva e marca a economia, inicialmente solidária, com traços indiscutivelmente capitalistas. Progressivamente, os kibutzim ocupam-se da produção em larga escala, com vistas no mercado exterior. Como pode ser observado no decorrer do trabalho, esta transição não ocasionou a total dependência do kibutz em relação ao exterior, pois trata-se de uma sociedade auto-suficiente, onde cada membro é responsável pela fazenda, visto que todos os cargos são rotativos e a produção não se volta totalmente à exportação.

Com isso, constatou-se que os kibutzim em Israel constituem uma forma alternativa de organização social, semi-independente dos centros urbanos, mas ainda vinculados a estes no âmbito da saúde, formação militar e religião. Primeiro porque alguns kibutzim são desprovidos de centros de saúde realmente eficientes e completos. O segundo ponto refere-se a formação militar de seus jovens, para eles essencial para

¹⁶ Durante a pesquisa, encontrou-se por vezes o termo ‘colonização’ para designar tal processo. Tais colônias já existentes em solo árabe, foram legalizadas pela ONU em 1948, com a criação do estado de Israel.

a defesa do território e manutenção da “ordem interna”. E, finalmente, há Jerusalém com seus lugares santos, onde todos os anos, judeus de diversas partes do mundo se reúnem para a realização de festividades pertinentes as suas crenças religiosas. Salvo estes três itens, uma pessoa poderia passar toda uma vida sem se preocupar em sair de um kibutz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste contexto, pode-se afirmar que, apesar da crise política e religiosa que acomete Israel e suas dependências, os kibutzim conseguem manter uma estrutura sócio-econômica muito bem sedimentada. Este fator se explicita aos olhos dos estrangeiros, principalmente aqueles que experienciaram a rotina diária do kibutz na condição de voluntários. Ao que parece, a atitude, por parte dos kibutzim de admitir tais estrangeiros, trata-se de forma extremamente eficiente de transmitir ao mundo seu apreço pelas tradições e amor pela terra e também de mostrar que Israel, por conta própria, consegue criar e manter uma estrutura digna de primeiro mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Depoimentos. Disponível em: <<http://jovempan.uol.com.br/jpamnew/destaques/viagem/israel.php>>. Acesso em 19 fev 2005.

Dos pacotes de viagens. Disponível em: <www.travellers.com.br>. Acesso em 19 fev 2005.

Embaixada de Israel em Brasília, Centro de Informação de Israel, DF, 1993.

Estado Moderno: kibutzim. Disponível em <<http://www.netjudaica.com.br/novanetjudaica/content/textos/prntexto.asp?id=194&desc...>>. Acesso em 18 fev 2005.

FREITAS, Jones de; BÚCIO, Japiassu; Aguiar, Renato. *Enciclopédia Mundo Contemporâneo* – 2^o. ed. – São Paulo: Publifolha; Rio de Janeiro: Editora Terceiro Milênio, 2000.

Kibutz: o maior movimento comunitário do mundo! Disponível em: <<http://www.amigosdeisrael.com.br/kibutz.html>>. Acesso em 19 fev 2005.

Palestina: a busca é pela paz. Disponível em <http://www.revelacaoonline.unibe.br/a2002/campus/palestina2.html>>. Acesso em 12 jan 2005.

Reportagem “*O Hospital Hadassar*”. Programa Domingo Espetacular, Canal Band. Exibido em 25 jul 2004.

Reportagem “*Os kibutzim de Israel*”. Programa Alô Vídeo Escola, Canal Cultura. Exibido em 05 abril 2004.

ZEZMER, Amos. Jerusalém: a cidade de ouro faz três mil anos. *Revista Geográfica Universal*, n^o. 29, outubro 1995, Black Editores.